

4. Metodologia

Esta pesquisa é de base qualitativa e classifica-se como etnográfico–descritiva. A caracterização de nosso trabalho como qualitativo deu-se por ser a mais apropriada forma de mapear a situação sociolingüística da fronteira Brasil/Guiana Francesa em meio escolar.

A pesquisa qualitativa de coleta de dados é caracterizada por um paradigma interpretativo, isto é, não há uma preocupação com a quantidade dos dados do grupo pesquisado, “mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc”, como diz Goldenberg. (1997, p. 14)

Ludke e André (1986) afirmam que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. Ainda segundo as autoras, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada, via de regra, a partir do trabalho intensivo de campo.

Entendemos cultura como um sistema entrelaçado de signos interpretáveis que podem ser descritos de forma inteligível e com densidade, por isso definimos nosso trabalho como etnográfico.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Dentre as técnicas propostas pelos antropólogos, encontram-se a observação participante, a entrevista e a análise de documentos. Essas técnicas de análise etnográfica pressupõem que o pesquisador, enquanto inserido em seu campo de pesquisa, constantemente encontra-se em interação com o objeto pesquisado, sendo o principal instrumento na coleta e análise de dados. Em lingüística, a etnografia é uma das perspectivas teóricas que sustentam a pesquisa qualitativa.

A pesquisa etnográfica traz para o centro da investigação um grupo cultural particular assim como as suas regras de convivência. Para Spradley (1979), a pesquisa etnográfica tem um sentido próprio que é descrever um sistema de significados culturais de um determinado grupo.

É importante destacar que na pesquisa de cunho etnográfico a presença e o envolvimento do pesquisador na participação direta do trabalho a ser construído e de suma importância na descrição e análise dos dados, pois o pesquisador deve-se

distanciar do objeto de estudo para que a subjetividade não se sobreponha à objetividade na observação dos dados. Por isso, “os antropólogos e sociólogos sugerem o estranhamento, uma atitude de policiamento contínuo do pesquisador para transformar o familiar em estranho”. (Ludke & André, 1986, p.43)

Além disso, é preciso, para se fazer etnografia, muito mais que seguir uma série de procedimentos como selecionar informantes, mapear campos, manter um diário e assim por diante; é preciso fazer um esforço intelectual. Geertz (1973) utiliza o termo “descrição densa”, que ele tomou emprestado do filósofo Gilbert Ryle, para designar o que pretende a etnografia.

A descrição densa se caracteriza como o objeto da etnografia “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” em termos que qualquer ação do informante é percebida e interpretada, ou seja, uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas (1989, p.7).

Ciente de que fazer pesquisa etnográfica envolve pressupostos e procedimentos específicos de coleta e apresentação dos dados, sistematizamos a seguir os instrumentos utilizados para o desenvolvimento do presente estudo: a) análise documental; b) entrevistas; c) questionários.

Salientamos que, em nosso estudo, a escolha pela etnografia é devido as características que compõem esse tipo de pesquisa, principalmente pela importância do caráter lingüístico-cultural dado ao contexto em que são empregados, em especial, o resultado do contato lingüístico em meio escolar.

4.1

O contexto da pesquisa

O contexto da pesquisa foi delimitado com base na análise documental realizada antes da pesquisa de campo.

Essa é uma técnica valiosa na abordagem qualitativa de pesquisa. Esta tem como objetivo complementar outras técnicas de coleta e/ou desvelar aspectos novos de um tema ou problema.

Segundo Philips (1974), são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser utilizados como fonte de informação sobre o comportamento humano”.

Para Caulley (1981), a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse. Além disso, os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas ou ratificadas afirmações ou declarações do pesquisador.

Holsti (1969) afirma que existem pelo menos três situações básicas em que é apropriado o uso da análise documental: a) Quando o acesso aos dados é problemático, seja porque o pesquisador tem limitações de tempo ou de deslocamento seja por que o sujeito da investigação não está mais vivo; b) Quando se pretende ratificar e validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação; c) Quando o interesse do investigador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos.

Nesse sentido, a análise documental utilizada em nossa pesquisa tem como principal tarefa aproximar o objeto de estudo do pesquisador devido à distância entre ambos, pois o município de Oiapoque, região que faz fronteira com a Guiana Francesa encontra-se ao norte do Brasil e o curso de pós-graduação, da PUC-Rio, fica na região sudeste. Essa distancia somente foi transposta, antes da pesquisa de campo, a partir da análise documental.

Para elaborar o perfil do município, utilizamos registros populacionais, sócio-econômicos e educacionais encontrados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e na Secretaria de Educação do Estado do Amapá (SEED). Além desses documentos oficiais, também fizemos uso de sites da internet como o Orkut e o Youtube com finalidade de obter mais informações sobre Oiapoque. É interessante ressaltar, que mesmo a região sendo tão conhecida pela expressão “do Oiapoque ao Chuí”, tivemos muita dificuldade de obter informações sobre o município. Dessa modo, no site de relacionamento Orkut, procuramos por comunidades que tinham como tema, Oiapoque. Dentre as diversas comunidades encontradas sobre a região, escolhemos fazer parte de duas comunidades. Na comunidade “Eu estudo ou estudei na Escola Estadual Joaquim Nabuco” e na comunidade “Eu moro ou já morei em Oiapoque”. No site de vídeos Youtube, assistimos vídeos que mostravam as peculiaridades geográficas e sociais da região.

Com os dados do IBGE, tivemos acesso ao censo populacional realizado em 2004 na região, assim como os dados da dinâmica migratória do município. Através do INEP, utilizamos tabelas que nos permitiram elaborar o perfil educacional de Oiapoque através

de registros como: a) Produto Interno Bruto (PIB); b) o índice de desenvolvimento humano (IDH); c) o índice de desenvolvimento da Infância (IDI); d) a taxa de analfabetismo; e) o índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB); f) ao número de estabelecimentos de ensino no município em zona urbana e rural; g) ao número de alunos atendidos; h) as condições de oferta do turno diurno e noturno e o rendimento dos alunos nos respectivos turnos.

O contato com a Secretaria de Educação do Amapá (SEED) se deu por ligações telefônicas já que encontramos muitas dificuldades via internet. Ao total, fizemos duas ligações para Macapá para termos acesso ao número de escolas de Oiapoque. Na primeira ligação, o funcionário responsável por esse arquivo estava em reunião. Na segunda, conseguimos falar com uma outra funcionária e assim explicamos nossa pesquisa e solicitamos a listagem, que nos foi enviada no mesmo via email. Com essa listagem, tivemos acesso ao número de escolas da região em zona urbana e rural, ao tipo de estabelecimento, indígena ou não indígena, assim como a localização desses estabelecimentos de ensino.

Após a análise desses documentos, foi possível mapear a região em Zona Urbana e Zona Rural, em escolas indígenas e não- indígenas. Desse modo, delimitamos a pesquisa em uma escola não – indígena da zona urbana do município, a Escola Estadual Joaquim Nabuco.

4.2

A Escola Estadual Joaquim Nabuco

A escola estadual Joaquim Nabuco foi fundada no dia 1 de fevereiro de 1966 e está localizada no centro da zona urbana de Oiapoque. Juntamente com mais duas escolas, a Escola Coelho Branco e a Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva, estas perfazem o número total de estabelecimentos dessa área.

A partir do procedimento metodológico de análise documental, delimitamos a mesma dentre as mais de trintas escolas públicas da região por sua especificidade, pois é a única escola do município que oferece ensino médio, nos três turnos, atendendo toda a região inclusive algumas áreas indígenas. Dessas áreas indígenas, a escola atende o total de 319 alunos dos anexos localizados nas aldeias indígenas Manga, Santa Izabel,

Kumene e Kumarumã. Além disso, a escola desenvolve projetos sociais e culturais, dentre eles o projeto implantação da língua francesa nas séries iniciais.

A escola, dirigida pela professora Maria Bernadete, desde 2004, possui cerca de 20 professores e no ano de 2008 atendeu mil trezentos e cinquenta e sete crianças no ensino fundamental e mil e cinquenta e dois jovens no ensino médio, perfazendo um total de 2318 alunos.

A escola possui um espaço físico bem estruturado e em bom estado de conservação. As salas são grandes e cada turma possui em média de 35 a 40 alunos. Nas paredes externas e internas não se encontram marcas de pichações. É importante destacar que em todos os espaços da escola existem placas indicativas bilíngües, português e francês, indicando, por exemplo, a biblioteca, a direção, o refeitório etc. Como vemos nas figuras a seguir:



Figura 16: A escola Estadual Joaquim Nabuco.



Figura 17: Sala da Diretora.



Figura 18: Biblioteca da escola.



Figura 19: Cozinha da escola



Figura 20: Banheiro feminino e masculino



Figura 21: A secretaria da escola

4.3

A Pesquisa de campo

O trabalho de campo é uma das características principais da pesquisa qualitativa etnográfica. O pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto. É importante destacar que a decisão sobre a extensão do período de observação deve depender do tipo de problema que está sendo estudado e do propósito do Estudo. (Ludke, André, 1986).

Desse modo, com a posse desses dados documentais, selecionamos os sujeitos da pesquisa para mapear a situação lingüística em meio escolar com objetivo de averiguar o domínio lingüístico por ambiente comunicativo oficialidade das línguas que estão em contato. Selecionamos aplicar os questionários aos alunos do sexto ano do ensino fundamental, antiga quinta série. A série foi escolhida devido a sua especificidade. É a partir do sexto ano do ensino fundamental que, segundo a LDB, a lei de diretrizes e bases, os alunos têm direito a aprender uma língua estrangeira moderna. Como dito na introdução, decidimos também averiguar as atitudes lingüísticas destes alunos com o objetivo de observar os valores em relação às línguas em contato.

Além da aplicação dos questionários nas turmas do sexto ano, decidimos realizar entrevistas com a secretária de educação do município, com a diretora da escola Joaquim Nabuco e com os professores de língua estrangeira do universo da pesquisa.

Entretanto, é importante destacar que o nosso primeiro contato com a Escola Joaquim Nabuco deu-se meses antes por telefone com uma funcionária da escola. Nessa primeira conversa nos apresentamos e falamos um pouco sobre o nosso grupo de pesquisa desenvolvido no programa de pós-graduação em Letras da PUC-Rio. Nas ligações seguintes, tivemos como objetivo pegar informações sobre o início do ano letivo, horário de aulas e algumas informações sobre o ensino de língua estrangeira. O contato por telefone com a diretora não foi possível nesse período porque a mesma se encontrava de férias.

Já em campo, conhecemos a Escola Estadual Joaquim Nabuco e a diretora do estabelecimento. Nesse primeiro contato, nos apresentamos enquanto pesquisadores do Departamento de Letras da PUC-Rio e falamos sobre a pesquisa que gostaríamos de desenvolver. Em seguida, a diretora nos levou para conhecer as dependências da escola e nos mostrou, com orgulho, as placas bilíngües (português/francês) espalhadas pela escola. Durante o percurso nos apresentou a coordenadora pedagógica e alguns professores. É importante ressaltar que em todos os momentos em que estivemos com a diretora, a mesma sempre se mostrou receptiva e solícita a nos ajudar a desenvolver nosso trabalho mesmo diante de tantas atribuições com o início do ano letivo.

Como dito, a escola estava se preparando para iniciar mais um ano letivo. Alunos e professores transitavam pelo interior da escola. Os alunos em busca de turnos e turmas inscritos e os professores auxiliando a coordenadora pedagógica na preparação de uma capacitação para o corpo docente denominada “semana pedagógica”. Destacamos que a participação na semana pedagógica foi de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa.

A semana pedagógica antecedeu o início das aulas e teve como participantes a coordenadora pedagógica e todos os professores da escola. Nesta os docentes discutiram sobre a abordagem pedagógica adotada na Escola Estadual Joaquim Nabuco assim como tópicos relacionados ao ensino – aprendizagem.

O evento foi aberto pela diretora que pediu desculpas por não participar do mesmo devido a tantos detalhes pendentes para o início das aulas. Após, a mesma nos apresentou ao corpo docente e cada um do nosso grupo de pesquisa falou um pouco sobre si. Os demais professores foram receptivos e fizeram algumas brincadeiras acerca da beleza e da violência exibida na televisão sobre o Rio de Janeiro. É importante destacar que nos sentimos extremamente à vontade na semana pedagógica e também interagimos com os demais professores tecendo comentários sobre os problemas

semelhantes que nos afligem enquanto profissionais da educação seja da região norte seja da região sudeste.

Durante os três dias do evento, que ocorreram na parte da tarde e na parte da manhã, conversamos com os professores nos intervalos sobre o ensino de línguas estrangeiras e sobre multiculturalidade encontrada em sala de aula. Além disso, aproveitávamos esse momento também para conhecermos os professores da série que iríamos coletar os dados. Neste sentido, Chizzoti (1991) afirma que experienciar e compreender a dinâmica dos atos e eventos, e recolher as informações a partir da compreensão e sentido que os atores atribuem aos seus atos é o que os pesquisadores etnográficos denominam de observação participante.

No que se refere às observações tanto do nosso primeiro contato com a escola quanto na semana pedagógica e na aplicação do questionário, procurei voltar a minha atenção para vários aspectos privilegiando, contudo, observar a forma e as estratégias adotadas pela diretora e professores no que diz respeito à questão do multilinguismo no ambiente escolar. E, em relação aos alunos, observar as relações dos mesmos com as diversas possibilidades de línguas em contato dentro da sala de aula, já que nesse ambiente o número de alunos indígenas é significativo; além de alunos com pai ou mães de nacionalidade francesa e alunos com pais que trabalham do outro lado da fronteira.

A seguir, passamos a relatar os instrumentos utilizados na pesquisa de campo

4.4

As entrevistas

No que se refere a esse procedimento metodológico, a entrevista é o instrumento por excelência e o mais constantemente usado pelos pesquisadores. Esta consiste num interrogatório direto do informante ou pesquisado pelo pesquisador, durante uma conversa face a face.

Segundo Bingham e Moore (1941), a entrevista é uma conversa orientada para um objetivo definido que não a mera satisfação que a própria conversa pode produzir. Ainda segundo os autores, a entrevista pode ter um dos três seguintes objetivos: obter informação, instruir e influenciar ou motivar o entrevistado. É importante destacar que geralmente um desses objetivos predomina na entrevista, embora os outros dois também possam estar presente.

Deve-se recorrer à entrevista, sempre que se tem necessidade de dados que não podem ser encontrados em registros ou fontes documentárias e que se espera que alguém esteja em condições de prover.

No âmbito dessa dissertação, as entrevistas foram realizadas com a secretária de educação do município, com a diretora e professores de língua estrangeira da Escola Estadual Joaquim Nabuco com o objetivo identificar e compreender os sentidos e significados dados pelos mesmos as diferentes línguas em contato no cotidiano daquela região, bem como as medidas de políticas linguísticas estabelecidas para essa situação.

As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora a partir de um roteiro semi-estruturado com finalidade de localizar os entrevistados do ponto de vista social, cultural e profissional.

A entrevista semi-estruturada foi escolhida por ser o tipo mais adequado para o trabalho de pesquisa que desenvolvemos, pois as informações que pretendíamos obter tanto da secretária de educação quanto da diretora e professores são melhores transmitidas com um roteiro com mais flexibilidade, permitindo ao entrevistador fazer modificações como ampliar algumas perguntas e/ou ainda criar novas seqüências.

Ludke e Menga (1986) afirmam que a entrevista estruturada, por outro lado, visa à obtenção de resultados uniformes entre os entrevistados. O entrevistador tem que seguir categoricamente as perguntas feitas, de modo idêntico e na mesma ordem, aproximando-se da aplicação de um questionário. É oportuno destacar que a entrevista com a secretária da educação do município, com a diretora da escola e com os dois professores (as) da quinta série de língua estrangeira foram realizadas em um clima de conversação onde os/as entrevistados (as) se mostraram bastante disponíveis.

Ao total, realizamos quatro entrevistas. Cada entrevista teve uma duração de 20 a 30 minutos com exceção da entrevista com a Secretária de educação que se estendeu um pouco mais, cerca de 40 minutos. As entrevistas com a direção da escola e com os professores foram realizadas individualmente na escola, em horários previamente agendados. A entrevista com a secretária de educação foi realizada em seu gabinete, também em um horário pré-agendado.

Para a coleta de dados a partir das entrevistas, optamos por fazer os registros dos dados em gravação direta e anotação devido às vantagens que cada recurso de registro apresenta.

A gravação permite o registro de todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado. Entretanto, nem todos

se mantêm inteiramente à vontade e naturais ao terem sua fala gravada. Por outro lado, o registro através de notas solicita a atenção e o esforço do entrevistador. Além disso, representam um trabalho inicial de seleção e interpretação das informações emitidas. É importante destacar que realizamos entrevista gravada somente com a secretária de educação.

Um aspecto relevante, constatado durante os dois tipos de entrevista, é que as falas fluíram com muita facilidade. Foram poucos os momentos em que registrei silêncio ou hesitação diante de uma pergunta. Ainda nesse contexto, pude registrar que nenhum dos entrevistados (as) se furtou de falar sobre problemas, tensões e até conflitos, nem mesmo sobre a necessidade de corrigir rumos.

Em ambas as formas de coleta de dados seja por gravação seja através de notas, tentamos obter informações sobre o ensino- aprendizagem da língua estrangeira nas escolas, considerando possíveis e diferentes pontos de discussão e análise, tais como: a questão da implantação do ensino de francês nas séries iniciais e o investimento e comprometimento do Estado a partir dessa necessidade do aprendizado da língua francófona no dia a dia do município, assim como as relações entre as diferentes culturas que permeiam o ambiente escolar, como a indígena.

4.5 **Questionários**

Inicialmente foram elaborados dois questionários. Um para investigar o domínio e o outro para investigar as atitudes lingüísticas dos alunos. O primeiro foi adaptado do questionário utilizado por Savedra (1999) para mapear o ensino de L1 e L2 nas escolas bilíngües do Rio de Janeiro. O segundo foi adaptado do estudo realizado por Pereira (2006) como uma primeira abordagem a respeito das representações lingüísticas junto a universitários do estado do Rio de Janeiro. Ambos os questionários estão em anexo.

Com o primeiro questionário pretendíamos coletar os seguintes dados: a) Sexo; b) Idade; c) Série; d) Nacionalidade do aluno; e) Nacionalidade Pai e da Mãe; f) Naturalidade do Aluno; g) Naturalidade do Pai e da Mãe; h) Língua Materna do aluno; i) Língua materna da mãe e do pai ; j) Língua usada em casa ; l) Língua usada na escola ; m) Língua usada na sociedade ; n) língua usada nas instituições; o) Acesso a mídia; p) Línguas que estuda ou estudou na escola ; q) Se fala outra língua ; u) Como aprendeu

Com o segundo, por sua vez, pretendíamos coletar os seguintes dados: a) que língua gostaria de aprender; b) por quê; c) Que língua você acha mais bonita; d) Qual língua você acha mais útil; e) Qual língua você acha mais fácil; f) Qual língua você acha mais difícil.

É importante ressaltar, que este questionário foi aplicado a um público que não se encontra no topo da sua formação educacional, entretanto devido ao contexto fronteiriço, onde várias línguas coexistem, esse fato nos permite ter um perfil do domínio lingüístico e da sua formação em língua estrangeira. Assim como das atitudes lingüísticas.

Aplicamos o questionário sociolingüístico em 266 alunos do sexto ano do ensino fundamental. Os questionários foram aplicados nos horários de aula dos mesmos. Durante a coleta de dados, cada membro do nosso grupo de pesquisa ficou responsável por uma turma do sexto ano do ensino fundamental divididas entre o turno da manhã e o turno da tarde.

Devido à quantidade de alunos e a pouca idade de alguns, decidimos por aplicar o questionário fazendo cada pergunta por vez aos alunos. Dessa forma, a aplicação dos questionários do sexto ano ocorreu em um clima aberto e informal devido à idade dos entrevistados. Primeiramente a pesquisadora se apresentava as turmas e ouvia as recomendações da professora dirigidas aos alunos para manterem a atenção e não fazerem bagunça. Em algumas turmas, os professores saíam deixando a sala sob a responsabilidade da pesquisadora. Nas turmas em que os professores permaneciam, os mesmos não faziam interrupções.

A pesquisadora iniciou a primeira parte do questionário transcrevendo no quadro negro as primeiras perguntas. Estas eram as mais difíceis para a compreensão dos alunos, pois estes não dominam ainda o significado das palavras nacionalidade, naturalidade e língua materna. A pesquisadora fez uma pergunta de cada vez, como dito, explicando detalhadamente o que era pedido em cada pergunta e somente após os alunos terem respondido, passava-se a próxima pergunta.

Essa estratégia foi extremamente relevante, pois assim a pesquisadora pode observar os comentários que eram feitos em cada questão por parte dos alunos. Nesses comentários os alunos se identificavam enquanto falantes de outras línguas ou identificavam os membros da família que dominavam outras línguas além do português. Os alunos indígenas manifestaram – se pouco, mas apresentavam interesse em responder as questões.

A pesquisadora, na medida do possível, verificava as respostas dos alunos e orientava-os, repetindo a explicação quando não compreendiam a pergunta. É importante ressaltar que esse auxílio se deu, em sua maioria, aos alunos indígenas.

A segunda parte do questionário foi respondida em menos tempo devido à objetividade das questões. O clima informal da primeira parte do questionário permaneceu nessa etapa assim como o de fazer uma pergunta por vez. Os alunos não apresentaram dificuldades diante das questões, mas perguntaram se poderiam dar mais de uma resposta.

Um ponto interessante a destacar no término da aplicação é que os alunos perguntaram quando teriam a resposta das perguntas. Nesse momento a pesquisadora explicou que não existem perguntas certas ou erradas e que assim que finalizasse a análise das respostas mandaria – as para diretora da escola.

Com esses dados pudemos mapear a situação do contato lingüístico na fronteira franco-brasileira averiguando a oficialidade das línguas em presença na região assim como as atitudes lingüísticas dos alunos da Escola Estadual Joaquim Nabuco.